

GRINGUIFICAÇÃO:

O papel dos circuitos turísticos e da viticultura na reformulação da memória coletiva e do patrimônio material, e na geração de novas centralidades em Bento Gonçalves/ RS.

Autor: Marcelo Damazzini.

Formação: Arquiteto e Urbanista.

Endereço: Travessa Pelotas 145, Bento Gonçalves/RS.
Fone: (54) 3454 1962 (54) 91426799.
e-mail: damarquiteto@terra.com.br

GRINGUIFICAÇÃO: O papel dos circuitos turísticos e da viticultura na reformulação da memória coletiva e do patrimônio material, e na geração de novas centralidades em Bento Gonçalves/ RS.

RESUMO:

Nos últimos anos, roteiros turísticos de Bento Gonçalves como os Caminhos de Pedra e o Vale dos Vinhedos converteram o município para uma nova realidade: a preservação do seu patrimônio arquitetônico cultural. Essa consciência, no entanto, chegou com atraso, e parte valorosa de suas construções se perdeu para sempre diante da voracidade dos empreendimentos comerciais e imobiliários.

Neste trabalho, é abordada a conflituosa convivência do cada vez mais presente enoturismo em comunidades fundadas por imigrantes italianos onde, por diversos anos, a evolução passou de forma paralela ao seu entorno. Para investigar as transformações espaciais e sociais, procuro identificar as estratégias de substituição, revitalização, renovação e gentrificação que vêm ocorrendo na cidade.

Essas transformações no espaço urbano e no estoque construído abarcam questões relativas à memória da colonização italiana local e aos processos de redenção de um passado agroindustrial que ascende pelo crescimento da viticultura, da indústria moveleira e do turismo.

Os estudos de caso que serão discutidos neste trabalho se reportam primeiro à produção vinícola da cidade, em que será apresentado um paralelo entre as duas das maiores vinícolas de Bento Gonçalves: a Vinícola Aurora, administrada de forma cooperativada, e a Vinícola Salton, uma indústria familiar. O segundo estudo de caso analisa os dois maiores roteiros turísticos da cidade, Caminhos de Pedra e o Vale dos Vinhedos. Através desta discussão se pretende identificar até que ponto esses quatro ícones de Bento Gonçalves influenciam a revalorização e resgate do passado da colonização através, principalmente, do poder econômico que o mesmo oferece a comunidade envolvida e a cidade como um todo.

A idéia é investigar como esta mudança no olhar coletivo se reflete nas estratégias de transformação da arquitetura local, sugerindo novas leituras do passado e estabelecendo novos parâmetros para a reconstrução física, inclusive, dos testemunhos do passado.

ABSTRACT:

Over the last years, tourist routes from Bento Gonçalves, Brazil, such as *Caminhos de Pedra* and *Vale dos Vinhedos* have presented this town with a new reality: the conservation of architectural and cultural heritage. Such awareness, however, has not timely come to the town's people, and a valueless portion of its buildings have been lost forever due to the voracity of commercial and real state agencies enterprises.

This study approaches the conflicting and increasing presence of wine tourism in villages founded by Italian immigrants, where evolution has passed by. In order to investigate spatial and social changes, my aim is to identify replacement, revitalization, renewal and gentrification strategies that have been taking place in the town.

Such transformations in the urban space and built areas comprise issues associated to the heritage of the local Italian immigrants' settlement and to the redemption process of an agroindustrial past that grows through the cultivation of grapevines, the furnishing industry and tourism.

The study cases discussed in the present work approach firstly the wine production in the town, and we present a parallel between two of the major wineries from Bento Gonçalves: Vinícola Aurora, run as a cooperative, and Vinícola Salton, a family-run business. The second study case analyzes the two most important tourist routes from the city, *Caminhos de Pedra* and *Vale dos Vinhedos*. Discussing such facts we intend to identify to what extent those four icons of Bento Gonçalves affect the revalorization and the recovery of the immigration history through the economic power that they offer to the community and to the town .

Our aim is to investigate how the change in the way how people see the local architecture affects its transformation strategies, suggesting new readings of the past and setting up new parameters for physical reconstruction of past memories.

PALAVRAS-CHAVE: Gentrificação; estratégias de substituição; patrimônio cultural.

KEYS-WORDS: Gentrification; substitution strategy; culture patrimony.

GRINGUIFICAÇÃO: O papel dos circuitos turísticos e da viticultura na reformulação da memória coletiva e do patrimônio material, e na geração de novas centralidades em Bento Gonçalves/RS.

1. INTRODUÇÃO:

O presente trabalho se propõe a investigar as questões de transformações espaciais e sociais ocorridas nos últimos 25 anos na cidade de Bento Gonçalves / RS - Brasil. O problema é identificar as estratégias de substituição, revitalização, renovação e gentrificação que vêm ocorrendo na cidade e transformado não só a paisagem urbana e rural como também as relações de identidade e reconhecimento do patrimônio cultural, social e econômico da comunidade.

Gringuificação, como sugere o título, é uma forma bem-humorada de apresentar o tema, englobando essas transformações no espaço urbano e no estoque construído que abarcam questões relativas à memória da colonização italiana local – de base agrícola – e aos processos de resgate de um passado com o crescimento da viticultura, da indústria moveleira e do turismo. A idéia é investigar como esta “mudança no olhar coletivo” se reflete nas estratégias de transformação da arquitetura local, sugerindo novas leituras do passado e estabelecendo novos parâmetros para a reconstrução física inclusive dos testemunhos do passado.

Os estudos de caso que serão discutidos neste trabalho se reportam primeiro à produção vinícola da cidade, em que será apresentado um paralelo entre as duas das maiores cantinas de Bento Gonçalves, a *Vinícola Aurora*, administrada de forma cooperativada, e a *Vinícola Salton*, uma indústria familiar. O segundo estudo de caso analisa os dois maiores roteiros turísticos da cidade, o *Caminhos de Pedra* e o *Vale dos Vinhedos*. Através desta discussão, pretende-se identificar até que ponto esses quatro ícones do município influenciam na revalorização e no resgate da cultura herdada dos imigrantes.

Ao longo dos últimos 25 anos, o patrimônio edificado vem sofrendo transformações expressivas frente ao crescimento econômico e populacional e com a falta de conhecimento e/ou cumprimento das políticas de proteção do patrimônio histórico-cultural. Edificações novas surgiram da noite para o dia em lugar de construções históricas, sem que

se desse o valor merecido e nem se respeitasse a trajetória da cidade e dos testemunhos materiais. Ainda hoje, mesmo que nos últimos 15 anos o crescimento do turismo tenha valorizado os imóveis e a cultura dos antepassados, é comum que edificações com este caráter “*de coisa velha*” amanheçam substituídas por outras mais “*modernas*”.

Então surge a questão, como administrar esse impasse diante de uma cidade que possui grande poder econômico e que cresce em ritmo acelerado? Como fazer conviver o patrimônio cultural com o crescimento urbano? E, finalmente, como a revalorização da cultura herdada da imigração italiana está contribuindo para a criação de uma nova consciência sobre o patrimônio cultural de Bento Gonçalves.

Discorrer sobre esses assuntos é o principal objetivo deste trabalho, que pretende mostrar a existência de um caminho comum para ser traçado entre uma economia dinâmica e a valorização do patrimônio cultural da cidade sem que um impeça o desenvolvimento do outro.

2. APRESENTANDO A CIDADE DE BENTO GONÇALVES – BREVE HISTÓRICO:



Fig. 01, 02 e 03 – mapa do Rio Grande do Sul e imagem de satélite de Bento Gonçalves.
Fonte: Google Earth. Imagem aérea: Estúdio Zanchetti

Bento Gonçalves situa-se na região nordeste do Estado do Rio Grande do Sul (Fig. 01, 02 e 03), com uma população de 100.643 (IBGE, 2007) habitantes e com a economia baseada na indústria moveleira, vitivinícola e de turismo e está entre as 10 maiores economias do Estado, estando distante 125 km da Capital, Porto Alegre. Bento Gonçalves é também a primeira região do Brasil a obter a Indicação de Procedência (1) pelo Vale dos Vinhedos. Este certificado qualifica a origem do produto em nível mundial.

Roteiro garantido para o turismo de negócios, Bento Gonçalves sedia hoje importantes feiras do segmento industrial e comercial do Brasil e da América Latina como a Feira Internacional de Máquinas e Matéria Prima para a Indústria Moveleira (FIMMA Brasil); a Movelsul Brasil, feira de produção moveleira; a Transpo-Sul, feira relacionada a transporte de mercadorias; a Feira Internacional de Ecologia e Meio Ambiente (FIEMA), todas bianuais; além da Expobento, que é uma feira anual destinada ao comércio da cidade e da região. A cidade também é sede de festas e feiras alusivas à uva e ao vinho, como a Festa Nacional do Vinho (FENAVINHO), a maior e mais antiga festa comunitária do município realizada a cada dois anos, e a Avaliação Nacional de Vinhos, que tem frequência anual. Na área da cultura destacam-se os eventos Bento em Dança e o Congresso Brasileiro de Poesia, todos anuais. São eventos importantes para a cidade, para a região e o País, pois atraem turismo e negócios ao Município que tem um dos pólos moveleiros mais importantes do Brasil e onde a viticultura contribuiu para a sustentabilidade do campo, já que é feita em

pequenas propriedades, e também porque a região também engloba uma área de patrimônio natural expressivo.

2.1 O PROCESSO IMIGRATÓRIO:

Para compreender melhor o processo de consolidação do povoamento de Bento Gonçalves / RS, temos que explicar brevemente os processos de colonização e da imigração da Itália para o Sul do Brasil e fazer uma análise do momento histórico vivido pela Itália e pelo Brasil na segunda metade do século XIX, já que é a partir deste processo que a região adquire povoamento regular e se desenvolve.

Em 1870, após 50 anos de luta, a Itália se unificaria e o modo de vida feudal e o sistema de cidades-estado foram substituídos por um estado nacional e pelo capitalismo industrial. Em 1855 o governo instituiu altos impostos, endividando os pobres, que perderam as terras para o governo, ou tinham o artesanato substituído pela produção industrial, o que gerava desemprego. Estes fatores aliados ao excesso de população, a proliferação de doenças endêmicas, o horror à guerra e ao serviço militar deixaram o povo italiano sem perspectivas de melhorar sua qualidade de vida no país que se consolidava. Essas transformações políticas e econômicas resultaram em tensões sociais internas na disputa pela terra. As massas populares italianas encontravam-se condenadas à miséria e à fome.

De um lado o processo econômico que induzia à industrialização e, de outro, a preservação de estruturas latifundiárias fizeram do excesso de população na Europa algo negociável. Como o Brasil adaptava-se aos interesses do capitalismo modificando sua política de mão-de-obra e de terras e a maior parte do território brasileiro estava desabitada e sofria com a carência de mão-de-obra livre, com o processo imigratório, o Brasil teria seus problemas resolvidos, substituindo a mão-de-obra escrava na lavoura pelo povoamento de áreas desocupadas, com ênfase ao desenvolvimento agrícola das regiões do sul do Brasil.

Como o território do Rio Grande do Sul só foi definido depois de três séculos e meio da chegada dos portugueses e espanhóis e de diversas disputas territoriais entre os mesmos, esse sistema de colônias agrícolas foi muito importante para a consolidação do território nacional, sobretudo

porque, a estratégia de usar imigrantes europeus, que possuíam estatuto diferenciado, deixava ao Estado o controle da terra, fundamental para aplacar disputas locais e garantir a soberania do estado.

Os imigrantes eram atraídos também através da propaganda que lhes era mostrada na Itália (Fig.04). Ao chegarem à colônia os imigrantes eram recebidos por uma Comissão de Terras (1). Os imigrantes eram alojados em barracões e se alimentavam de caça, pesca frutos silvestres e do pouco que era fornecido pelo governo até se instalarem em seus lotes rurais. Ao se instalarem, iniciavam uma agricultura de subsistência representada pelo cultivo de milho, trigo e videira.



Fig. 04 - Cartaz que os Agentes de Propaganda utilizavam para promover a emigração. "... Na América - Terras no Brasil para os italianos. Navios em partida todas as semanas do Porto de Gênova. Venham construir os seus sonhos com a família. Um país de oportunidade. Clima tropical e abundância. Riquezas minerais. No Brasil vocês poderão ter o seu castelo. O governo dá terras e utensílios a todos." Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

As primeiras indústrias artesanais, com características domésticas e utilização somente de mão-de-obra familiar, assim como o comércio de troca e venda de produtos, surgiram com a produção de excedentes agrícolas e com a criação de animais. A troca, compra e venda de produtos era feita na sede da colônia, após longas caminhadas por estreitas picadas (trilhas abertas na mata), demarcadas pelos próprios imigrantes. Este "centro" de trocas lembrava de certa forma o burgo feudal e o sistema europeu em que eles estavam acostumados.

As regiões do Norte da Itália geraram emigrações para a região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, e a grande maioria dos imigrantes chegados aqui a partir de 1875 eram provenientes do Vêneto, Lombardia, Trentino – Alto Ádige e de Friuli – Venécia Julia (Fig. 05).



Fig. 05 - Regiões de emigração na Itália para a região de colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul, em ordem descendente. Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Os imigrantes vinham de uma tradição agrícola de pequenas propriedades e tinham como missão estabelecer pólos de produção de gêneros para o abastecimento, fixar-se na terra e promover a colonização agrícola da região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Com a Revolução Farroupilha entre os anos de 1835 e 1845, ocorre o encerramento da corrente imigratória, que se reinicia em 1875, com a chegada da imigração italiana para a Encosta Superior do Nordeste, originando as colônias Dona Isabel (hoje Bento Gonçalves), Conde D'Eu (hoje Garibaldi) e Nova Palmira (hoje Caxias do Sul).

É a partir de 1875 - sob a administração da União - que chegam as primeiras levas de italianos para Conde D'Eu e Dona Isabel. A área dessas colônias encontrava-se limitada pelo rio Caí, os campos de Vacaria e o município de Triunfo, sendo divididas entre si pelo caminho de tropeiros que seguia do local chamado de Maratá em direção ao rio das Antas (Conde D'Eu ficava à esquerda, Dona Isabel à direita).

No mesmo ano - 1875 - foi criada a colônia Caxias, no local chamado pelos tropeiros que subiam a serra em direção a Bom Jesus de "Campo dos Bugres". Dois anos depois, em 1877, foi criada uma nova colônia para

imigrantes italianos, a de Silveira Martins em terras próximas de Santa Maria.

Essas quatro colônias oficiais foram os núcleos básicos da colonização italiana que, a partir dali, atingiriam pontos como o Planalto Gaúcho. Foi assim que, em 1884, os colonos começaram a atravessar o Rio das Antas e foi criado Alfredo Chaves; São Marcos e Antonio Prado (1885, um prolongamento natural de Caxias). A Colônia Dona Isabel, hoje Bento Gonçalves, criada em 1870, já era conhecida por Região da Cruzinha, devido a uma cruz rústica, cravada sobre a sepultura de um possível tropeiro ou traçador de lotes coloniais. Era época do escambo, da troca de mercadoria por mercadoria. A Colônia Dona Isabel sediava um pequeno comércio no quais os tropeiros (Fig. 06 e 07) faziam pausas para descanso.



Fig. 06 – Tropeiros descansando na estrada

Fonte: Arquivo Histórico Municipal



Fig. 07 – Tropeiros transportando mercadorias.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

Em dezembro de 1875, os núcleos do Planalto começaram a receber novos imigrantes, e em março de 1876, o Presidente do Estado, José Antonio de Azevedo Castro, anunciava a existência de 348 lotes medidos e demarcados, esses lotes eram divididos em três classes de tamanho para os rurais de 60,50 hectares, 30,20 hectares e 12,10 hectares, já os urbanos poderiam ser divididos em varias classes, variando conforme o local escolhido devendo ter área desmatada de 4.840 metros quadrados e uma casa provisória, com uma população de 790 pessoas, sendo 729 italianos. Ainda em 24 de dezembro de 1875, outros pioneiros oriundos do Tirol Austríaco e Vêneto chegaram à esplanada, onde hoje está situada a Igreja Matriz Cristo Rei.

O início do povoamento foi marcado por inúmeras dificuldades. Em 1877, Colônia Dona Isabel sediava três casas comerciais, duas padarias, uma

fábrica de chapéus e um total de 40 casas comerciais em todo o território da colônia. O desmembramento da Colônia Dona Isabel do município de Montenegro (Ato 474, de 11 de outubro de 1890) foi assinado por Cândido Costa, para constituir o município de Bento Gonçalves, homenagem ao general Bento Gonçalves da Silva, chefe da Revolução Farroupilha (1835), ocorrida no Rio Grande do Sul.

A cidade de Bento Gonçalves teve seu primeiro impulso de progresso com a vinda da agência do Banco Nacional do Comércio. Embora tenham encontrado um Rio Grande mais organizado economicamente, os italianos tiveram de enfrentar dificuldades semelhantes às vividas pelos alemães, também colonos, tais como se embrenhar na mata fechada, enfrentar a fauna local e até indígenas nos pontos mais isolados das colônias, munidos apenas de facões, machados e foices, para abrir picadas e limpar o terreno para erguer suas moradias e começar suas plantações.

As terras das colônias situavam-se em zonas de floresta densa, (Fig. 09 e 10) sendo que as áreas destinadas para ocupação italiana eram mais altas e mais acidentadas com altitudes que variavam entre 600 e 900 metros, já as terras destinadas aos alemães, espalhadas ao longo dos vales do Rio dos Sinos a partir de São Leopoldo atingiriam seu ponto máximo em Nova Petrópolis com altitude de 597 metros (Fig. 11).

A partir da Proclamação da República em 1889, houve a preocupação de que as colônias criadas fossem mistas, com membros de várias etnias. Mas a idéia teve sucesso apenas parcialmente, pois os colonos se remanejavam, reagrupando-se, por iniciativa própria, segundo seus grupos étnicos e regionais – a solidariedade familiar e local como base do sistema produtivo da agricultura intensiva.



Fig. 09 – Abertura de picadas em meio à mata para abertura de estradas. Fonte: Arquivo Histórico Municipal.



Fig. 10 - Desmatamento de lotes para cultivo de alimentos com casas ao fundo. Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Fig. 11: Mapa de expansão da colonização italiana. Fonte: Google Earth

Da mesma forma que os alemães, os italianos tinham que desbravar a terra que adquiriam. Com os lotes menores, tendo uma média entre 15 e 35 hectares, plantavam produtos como o milho e o trigo. Mas o cultivo que marcou sua presença no Rio Grande do Sul foi a videira. Os primeiros colonos trouxeram novas variedades de uvas e isto ajudou a aperfeiçoar a qualidade do vinho gaúcho. A partir do início do século 20 começavam a ser formadas cooperativas vinícolas (Fig. 12) e a produção foi crescendo e melhorando, transformando o estado no principal produtor de vinhos finos do país.



Fig. 12: Vinícola Lourenço e Horácio Monaco. Foto: Acervo Roali Majola.

Entre os anos de 1919 e 1927 ocorreram inúmeras melhorias na infraestrutura local, motivadas pelo crescimento populacional e pelo florescimento de uma agroindústria mais estruturada, instalação da estação transformadora e da rede de distribuição de energia elétrica. É também inaugurado o Hospital Bartholomeu Tacchini (Fig.13).



Fig.13: Hospital *Bartholomeu Tacchini*. Foto: Acervo Roali Majola

Em 1950, a população era de 22.600 habitantes. As principais atividades econômicas eram as do setor agrícola. Contudo, começaram a surgir várias indústrias artesanais / manufactureiras, vinculadas às tradições italianas como a produção de acordeões (a música e os clubes musicais eram de extrema importância para a vida comunitária), laticínios, curtumes, vinícolas e moveleiras.

Em 1967, Bento Gonçalves passa por uma grande transformação: surge a I FENAVINHO, um esforço coletivo para valorização da agroindústria local, utilizando como mote uma festa tradicional européia, a vindima. O Município foi visitado pela primeira vez por um Presidente da República, Mal. Humberto de Alencar Castelo Branco, e seu principal produto, a uva, é divulgada em todo o Brasil. Desta iniciativa surgem novas estratégias para captação de recursos, divulgação de produtos locais e geração de oportunidades de negócios para os períodos de entre safras.

Bento Gonçalves descobre a sua vocação para o turismo de negócios e começa a sediar eventos de grande porte, como MOVELSUL, FIMMA, Vinho Brasil, Avaliação Nacional de Vinhos, FENAVINHO e EXPOBENTO. Esses eventos mostram como a herança deixada pelos antepassados está presente até hoje no trabalho e na economia do município. Com parcerias feitas com a indústria e o comércio europeus, muitos descendentes de imigrantes puderam fazer o caminho inverso aos seus antepassados, não em busca de uma vida melhor em outro país, mas através do seu trabalho e dos negócios reencontrar a pátria de seus pais (a Itália).

Embora este processo tenha alavancado a indústria local e melhorado a vida dos proprietários e trabalhadores, essa nova fase vivida pela cidade remete ao que ocorreu no passado, quando os imigrantes italianos tiveram que deixar sua pátria de origem e seu passado para trás, por força da substituição da mão-de-obra pela industrialização da economia. Não que a industrialização do Município tenha expulsado as pessoas de suas terras, mas a industrialização das grandes vinícolas e moveleiras em meados aos anos de 1980 fez com que agricultores esquecessem de certa forma a agroindústria familiar e se dedicassem apenas ao cultivo da videira para revender a uva às vinícolas. Esse processo foi transformando a relação

dos colonos com a terra de forma que eles não mais plantavam alimentos para consumo do dia-a-dia e fossem buscá-los no comércio da cidade, como supermercados e mercearias.

Os que se tornaram trabalhadores na indústria moveleira, mudaram para a “cidade” e deixaram o campo para trás e também a sua história. Esse processo pode ser visto como uma fuga do passado difícil que a maioria das famílias vindas da Itália enfrentou quando chegou à Colônia Dona Isabel, hoje Bento Gonçalves. Com o passar do tempo, a derrocada de algumas dessas indústrias, o colono aos poucos voltou a lidar com a terra e reaprendeu a usá-la para ter uma vida com mais conforto. Além disso, resgatou as tradições ancestrais da economia pré-industrializada, transformando-a em diferencial para seus negócios e estabelecendo novos parâmetros para a agroindústria. Isso contribuiu para a mudança de perfil econômico de Bento Gonçalves, agregando valor aos seus produtos e, mais uma vez, destacando a antiga colônia no mercado nacional e mundial, ao mesmo tempo em que contribuiu para o resgate do patrimônio cultural dos imigrantes.

Uma das maiores qualidades de Bento e de outras cidades da Serra gaúcha é a capacidade de seus habitantes de reinventar suas práticas sociais e econômicas. Nos anos 70, tendências mundiais de grandes corporações ditam as regras da economia local. Ao final dos anos 80, com as crises mundiais e a preocupação já bastante forte com o meio ambiente e a origem dos produtos (contra o trabalho escravo etc.), Bento Gonçalves retoma seu passado agrícola e de base familiar e desenvolve uma estratégia de revalorização de antigas prerrogativas coloniais, já com um enfoque contemporâneo, mantendo-se na vanguarda da agroindústria.

Isso não significa que esta estratégia tenha sido elaborada ou fomentada via canais públicos ou institucionais, mas surge mesmo no seio da comunidade, a partir dos intercâmbios com o país de origem, uma atualização clara de práticas sociais, culturais e econômicas ancestrais, preservando assim seu patrimônio cultural.

3. O IMPACTO DA DINÂMICA ECONÔMICA NO PATRIMÔNIO EDIFICADO: Uma Revisão dos Conceitos de Transformação do Construído e sua Aplicabilidade no Caso de Bento Gonçalves / RS.

Esse crescimento econômico registrado nos últimos 25 anos em Bento Gonçalves através da indústria moveleira, vitivinícola e de turismo colocou a cidade em destaque no cenário econômico estadual e nacional, comprovado pelos números que se seguem. Com Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 2.367.582,00 e renda Per Capita de R\$ 22.763,00 ano. É considerada a Capital Brasileira da Uva e do Vinho e o maior e mais expressivo pólo moveleiro do Estado. Destaca-se também pela qualidade de vida, sendo a 1ª em Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Rio Grande do Sul e a 6ª do Brasil, conforme estudo feito pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2003. O setor moveleiro de Bento Gonçalves representa 8% da produção nacional de móveis e 40% da produção estadual. Comparados aos números da maior cidade da região, Caxias do Sul que possui PIB de R\$ 8.100.000,00 e renda Per Capita de R\$ 20.285,00 e da capital do estado, Porto Alegre que possui PIB de R\$ 14.655.093.000,00 e renda Per Capita de R\$ 10.437,00 pode se ter uma idéia da importância da cidade para economia da região, do Estado e do país.

A partir desta dinâmica econômica em constante crescimento, investigo a possibilidade de aplicar os conceitos de gentrificação¹ sobre a produção de novos signos de memória e transformação do estoque edificado da seguinte forma: a riqueza reinventa a memória.

3.1 PASSADO x REDESCOBERTA DO PASSADO: A riqueza reinventa a memória.

Como relatado anteriormente as famílias Bentogonçalvenses que conseguiram com o tempo melhores condições econômicas e sociais queriam esquecer o passado de dificuldades, e para isso, muitas vezes se desfazer do “passado” era uma das formas de alcançar um status social. Esta idéia já aparece no início do séc. XX, quando os colonos, famílias ainda instaladas na zona rural do Município, de maior poder aquisitivo substituíam suas casas de madeira por novas de alvenaria, mesmo que o tijolo assentado com barro ficasse aparente. O próximo passo era rebocar a casa ou parte dela, para ter uma casa parecida com as casas da cidade (Fig. 14, 15, 16 e 17).



Fig. 14, 15, 16 e 17: patrimônio edificado, Caminhos de Pedra. Foto: Marcelo Damazzini

Este processo de fuga do passado contribuiu muito para o que vem ocorrendo nos últimos anos em Bento Gonçalves com relação ao patrimônio edificado: construir o novo sobre o velho. Este talvez o maior problema para o patrimônio local, se destruí e se destrói tudo que se julga

¹ “Substituição de populações em um bairro antigo, degradado, por populações mais abastadas, acompanhada de uma revitalização do ambiente construído”. Este termo se aplica a substituição de grupos sociais num mesmo lugar sem que se substitua o estoque construído. (Smith e Williams, 1986).

“velho” para fazer coisas “novas” e “melhores”, independente do valor que estes testemunhos físicos e históricos da evolução da cidade possam ter para a comunidade e para a História do Brasil. Motivados muitas vezes por interesses particulares, financeiros e políticos, estes processos de renovação e substituição do estoque construído passavam por cima dos interesses da comunidade e da própria cidade.

Do meu ponto de vista, como cidadão de Bentogonçalvense e profissional da área, isso só começou a mudar, com força, no início dos anos 1990 quando a Cooperativa Vinícola Aurora “quebra” e os produtores de uva que eram fornecedores da empresa se viram obrigados a produzir novamente seus vinhos e seus produtos agrícolas para tirar o sustento de suas famílias, isso influenciou diretamente o ressurgimento das caves² de família e outras empresas de pequeno e médio porte relacionadas com atividades agrícolas e de turismo, vinculadas ao passado dos colonos.

Assim ressurgem também a valorização do que “é nosso” – da memória local e do trabalho. Com a valorização da própria história trazendo benefícios econômicos, o passado é (re) visto e adquire importância, sendo manipulado e transformado a partir das expectativas de suprir a imagem vendida pela indústria turística. Ou seja, o passado colonial é utilizado como mercadoria de alto valor agregado, não só na indústria turística, mas como valor agregado aos produtos da agroindústria local, transformando-se no diferencial dos produtos locais.

A partir dos anos de 1990 surgem na Europa circuitos turísticos de valorização do que é local e ímpar, pautados nos novos padrões de consumo mundial, mais elitizado que busca a exclusividade e a distinção em oposição ao turismo de massa dos anos 70 e 80. Em função destas novas demandas geradas pela tendência do turismo cultural, roteiros gastronômicos e do enoturismo de pequena escala e sofisticado passam a ser explorados na Itália e na França, sobretudo, associados também aos produtos com denominação de origem tais como vinhos, queijos, etc.

A comunidade de Bento Gonçalves, identifica esta tendência e passa a explorá-la de maneira muito eficiente. Prova disso é a transcrição do texto a seguir retirado do site da Agência Lusa. “Europa poderá ter rota turística de vinhos e pratos típicos”

² Cave: do Francês *cave s. f.*, frisqueira ou adega subterrânea; pavimento de uma casa, inferior ao nível da rua.

O presidente do Conselho Europeu de Confrarias (CEUCO), Carlos Martín Cosme, sugeriu neste sábado a criação de uma rota "enogastronômica" (combinação de vinhos e pratos) européia, que permita ao viajante conhecer e desfrutar das gastronomias tradicionais.

"Devemos iniciar os trâmites necessários para criar no seio do Conselho Europeu de Confrarias uma estrada enogastronômica européia com sabor de tradição", propôs o presidente da CEUCO.

Cosme apresentou a idéia no Congresso Europeu de Confrarias vinícolas e gastronômicas que reúne até domingo no Porto cerca de 450 convidados e membros da CEUCO, provenientes de Espanha, Inglaterra, França, Itália, Grécia, Estônia e Portugal. Segundo o responsável, a rota deverá contar com "os correspondentes apoios institucionais e envolver a colaboração das confrarias e associações enogastronômicas dos Açores até a Grécia".

O objetivo é defender a tradição vinícola e gastronômica das diferentes regiões européias.

"O viajante agradece, paga e fica mais tempo do que se for só ver a paisagem ou o monumento e tiver de comer uma refeição rotineira e mal feita", disse Cosme, afirmando que "o turismo rural em forma de turismo gastronômico aumentou o número de visitantes a pequenas localidades que ameaçavam extinguir-se".

Citou como exemplo o caso das Astúrias, na Espanha, que "em apenas uma década passou da depressão produzida pelo desmantelamento das siderurgias e minas a uma potência em turismo rural, com muitos e bons estabelecimentos hoteleiros e restaurantes".

No congresso, que tem como lema "Gastroturismo e enoturismo, o papel das confrarias e o sabor da tradição", os confrades e visitantes são convidados a conhecer, saboreando, os pratos típicos e as tradições das regiões dos diferentes países representados. Não faltam, entre outros petiscos, o queijo Gorgonzola e o vinho italiano, a broa de Avintes, o vinho do Porto, o cabrito, o leitão e outras especialidades portuguesas, o presunto, os pimentos assados e os doces asturianos, da Espanha, e os vinhos, queijos, licores e mel gregos".

Fonte: Agência Lusa. Cidade do Porto, 11 Nov. 2006. www.camaraportuguesa.com.br

O turismo do vinho ou o enoturismo possibilita ao turista conhecer todo o processo de produção de vinhos – desde a plantação e colheita da uva ao engarrafamento. Tem como objetivo transformar a estadia em uma vinícola

num evento cultural dando importância aos aspectos histórico-culturais das regiões que fabricam a bebida.

No Brasil, os atrativos históricos ainda são secundários se comparados à Europa, mas a atividade só tem crescido, exemplo disso é que a Vinícola Miolo recebeu no último ano mais de 120 mil visitantes interessados nesta atividade turística. Outra empresa de destaque neste ponto é a vinícola Casa Valduga, que além de mostrar toda a cadeia produtora aos seus visitantes, dá a oportunidade de participar da colheita propriamente dita, ou seja, o turista vai para as videiras colher a uva, coloca-as nas tinas³ de madeira e pisa a uva para extração do vinho assim como faziam os antepassados da família Valduga, atividade esta comum nas pequenas caves da Europa.

A urbanidade dos anos 70 e 80 cede espaço para o retorno ao agrícola bucólico e ao contemplativo: o campo é retomado segundo novos valores. O patrimônio edificado da cidade de Bento Gonçalves está concentrado praticamente em sua totalidade na área rural do município, muito pelo fato desta valorização da urbanidade. Na sede do município a substituição do patrimônio histórico por “novas arquiteturas” fazia parte do crescimento da cidade. Com a retomada e a valorização da cultura da imigração italiana, percebeu-se a importância que a preservação do patrimônio edificado, mesmo que este venha através da relocação de casas antigas como forma de estabelecer “percursos patrimoniais” ou representado pela substituição das tipologias existentes num esforço para as coisas parecerem mais antigas do que realmente são, o primeiro passo foi dado em direção a conscientização de qual a importância e o papel da preservação do patrimônio tem para Bento Gonçalves.

A partir desta nova visão sobre o trabalho agrícola e o patrimônio cultural local apresento como forma de elucidar tais conceitos, alguns estudos de caso localizados na cidade de Bento Gonçalves.

³ As tinas são tonéis feitos de madeira e de forma artesanal onde se colocava a uva retirada dos parreirais, para depois ser esmagada e extraído o suco que se transformará no vinho.

4. ESTUDOS DE CASO:

Vinícola Salton:

Uma das primeiras famílias a chegar ao Rio Grande do Sul e instalar-se a localidade da Colônia Dona Isabel, hoje Bento Gonçalves foi a Família SALTON em 1878. Em 25 de agosto de 1910, os irmãos, Paulo, Ângelo, João, Cezar, Luiz e Antônio fundaram uma sociedade, com o nome de “Paulo Salton – Armazéns Gerais” tendo como ramo a comercialização de cereais, além de fiambreteria e secos e molhados em geral, porém, mudas de vinhas, algumas trazidas da Itália pela família, fizeram com que os irmãos se dedicassem à cultura da uva e à elaboração de vinhos, espumantes e vermouths, com a denominação social de “Paulo Salton & Irmãos”(Fig.18).

A empresa tem sua sede construída na área urbana de Bento Gonçalves



Fig. 18: Casa Salton, 1927.
Foto: Estúdio Zanchetti.



Fig. 19: Vinícola Salton, 2007.
Foto: Marcelo Damazzini



Fig. 20: Vinícola Salton, sede nova, 2007. Foto: Marcelo Damazzini

(Fig.19), num prédio que mais tarde se tornaria parte do patrimônio edificado da cidade, a empresa usufruiu da edificação até o final dos anos de 1990, quando por motivos econômicos e logísticos (está encravada no Centro da cidade) mudou sua sede para zona rural de Bento Gonçalves no distrito de Tuiuty(Fig. 20). Não foi destinado a antiga sede um novo uso após a troca, especulações sobre o destino que será dado ao prédio surgem a cada dia. A relação da empresa com o seu patrimônio edificado sempre fora harmonioso, já ao longo de mais de oitenta anos, o

prédio recebeu ampliações para atender o crescimento da produção sem sofrer descaracterização. Este convívio pacífico com o prédio antigo deveria se refletir na sede nova, mas o que se vê é uma tentativa de reproduzir o antigo, através de um fachadismo que tenta remeter ao antigo mesmo não sendo e que não representa a história nem a trajetória da empresa, já que a parte onde tudo começou, o pequeno galpão onde se encontram as antigas pipas de madeira e foram elaborados os primeiros vinhos da empresa, esta escondido nos fundos dos novos e modernos pavilhões da empresa, sem que se de o valor que a eles deveria ser atribuído.

Vinícola Aurora:

A história da empresa começa quando dezesseis famílias de produtores de uvas de Bento Gonçalves, se reuniram para lançar a pedra fundamental da COOPERATIVA VINÍCOLA AURORA em 14 de fevereiro de 1931, (Fig. 21 e 22) não imaginavam que se transformaria no maior empreendimento do gênero do Brasil, fixando a base de um empreendimento destinado não só a ser o maior, mas também um dos mais qualificados tecnologicamente no ramo.



Fig. 21: Assembléia Aurora, 1931. Foto: Estúdio Zanchetti.

Fig. 22: Vinícola Aurora, década de 1940. Foto: Estúdio Zanchetti.

Localizada até hoje no coração de Bento Gonçalves em meio a uma zona urbana consolidada, possui mais três unidades espalhadas pela cidade, uma no centro, e outras duas no interior sendo que uma esta desativada. Após a saída da Vinícola Salton do centro da cidade, a Aurora passou a ser a única que recebe a uva vinda das mais diversas localidades interior do município e por este motivo a Aurora ganha mais importância para a construção da relação da zona rural com a zona urbana, pois muitos dos produtores que fornecem uva à empresa usam esta ida à cidade para fazer outro tipo de atividade, compras no comércio por exemplo, e assim



Fig. 23: Vinícola Aurora, Unidade 01, 1986.
Foto: Estúdio Zanchetti.



Fig. 24: Vinícola Aurora, Unidade 02. 1986. Foto:
Estúdio Zanchetti.

movimentam a economia do bairro e da cidade.

Em relação ao patrimônio edificado, a Vinícola Aurora possui apenas um prédio do conjunto da época de sua fundação, os demais foram substituídos por edificações novas. (Fig. 23). O conjunto de prédios atual está consolidado no bairro Cidade Alta e recebia uma linha especial de trem para escoamento da produção, favorecida pela proximidade da estação férrea. Hoje a linha está desativada. A substituição dos prédios e sua implantação se deram de forma natural e sem maiores impactos para o bairro, no outro complexo localizado no centro da cidade, que pertenceu a Dreher S/A Vinhos e Champanhas (Fig. 24) e está preservado, há inclusive um estudo de revitalização para o mesmo, já que somente a parte de recebimento de uva está em funcionamento, junto com a parte administrativa que abriga hoje uma unidade de uma empresa de planos de saúde.

Além destas unidades centrais a vinícola abriga mais duas no interior do município, fortalecendo ainda mais a relação entre a cidade e o campo, mesmo que a unidade localizada no Vale dos Vinhedos esteja desativada. A outra unidade foi de tamanha importância no auge da vinícola no final dos anos de 1980 que o local em que foi implantada recebeu o nome de Vale Aurora em substituição ao antigo, Linha Eulália Baixa.

Por estes motivos a importância maior da Vinícola Aurora está focada na questão do trabalho e a manutenção do colono na sua terra, esse é o maior patrimônio da empresa que mesmo tendo passado por uma derrocada financeira conseguiu se erguer pelo trabalho dos seus associados.

Caminhos de Pedra:

O projeto Caminhos de Pedra surgiu do levantamento do acervo arquitetônico de toda a zona rural do município de Bento Gonçalves, realizado em 1987 concluiu que o Distrito de São Pedro, composto por sete comunidades, São Pedro, São Miguel, Barracão, São José da Busa, Cruzeiro, Santo Antônio e Santo Antoninho, possuía o maior número de exemplares de casas rurais mais antigas em bom estado de conservação, sendo o conjunto um testemunho considerável da história e da cultura do Município.

Esse acervo material, parcialmente abandonado, exigia uma ação rápida para não ter a mesma sorte de tantas outras casas de pedra, madeira e alvenaria que acabaram ruindo ou sendo demolidas. Com recursos cedidos pelo Hotel Dall'Onder (6) algumas dessas casas foram restauradas e passaram a receber visitação, a partir de uma adaptação dos imóveis e substituição de seus usos, já voltados para a indústria turística, muitos deles tornando-se centros de degustação de produtos locais, outros recontam de forma integrada ao meio ambiente a história da colonização e da cidade, um pouco nos moldes de um eco-museu (que engloba não só os objetos materiais, mas os cenários circundantes, os territórios, caminhos e paisagem natural). O primeiro grupo de turistas proveniente de São Paulo foi recebido na Cantina Strapazzon em maio de 1992. O sucesso do novo roteiro animou a comunidade que em 10 de julho de 1997 fundou a Associação Caminhos de Pedra, projeto que buscava o resgate de todo o patrimônio cultural local, não só o arquitetônico, mas a língua, o folclore, a arte e as habilidades manuais da comunidade de Bento Gonçalves.

Considerado pioneiro no Brasil no segmento, o roteiro Caminhos de Pedra é referência nacional e internacional, tendo sido tema de muitos estudos e teses em termos de turismo cultural e rural, arquitetura, patrimônio histórico, empreendedorismo e administração (Fig. 25, 26 e 27).



Fig. 25: Rest. Nona Ludia, 2007.



Fig. 26: Moinho Bertarello, 2007.



Fig. 27: Casa da Ovelha, 2007. Fotos: Marcelo Damazzini



Fig. 28: mapa Caminhos de Pedra. 2007. Fonte: www.caminhosdepadra.com.br

Atualmente a Associação Caminhos de Pedra tem cerca de 60 associados e o roteiro recebe uma visitação média de 50.000 turistas/ano e está em expansão, possui 13 pontos de Visitação e 53 pontos de Observação Externa (Fig.28).

Vale dos Vinhedos:

O Vale dos Vinhedos está localizado entre os municípios de Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul (Fig. 29). Até os anos 1980, os produtores de uvas do Vale dos Vinhedos vendiam sua produção para grandes vinícolas da região. O vinho que produziam destinava-se ao consumo familiar. Isso mudou quando a comercialização de vinho entrou em queda e, conseqüentemente, o preço da uva desvalorizou. Os viticultores passaram então a utilizar sua produção para fazer seu vinho e comercializá-lo diretamente, tendo assim possibilidade de aumento os lucros. Então seis vinícolas se associaram, criando, em 1995, a Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos - APROVALE. A Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos, conquistada em 2001, era o que faltava para a região ser reconhecida pela qualidade de seus produtos.

Atualmente, a APROVALE conta com 32 vinícolas associadas e 24 associados não produtores de vinho, entre hotéis, pousadas, restaurantes, artesanatos, queijarias e outros.

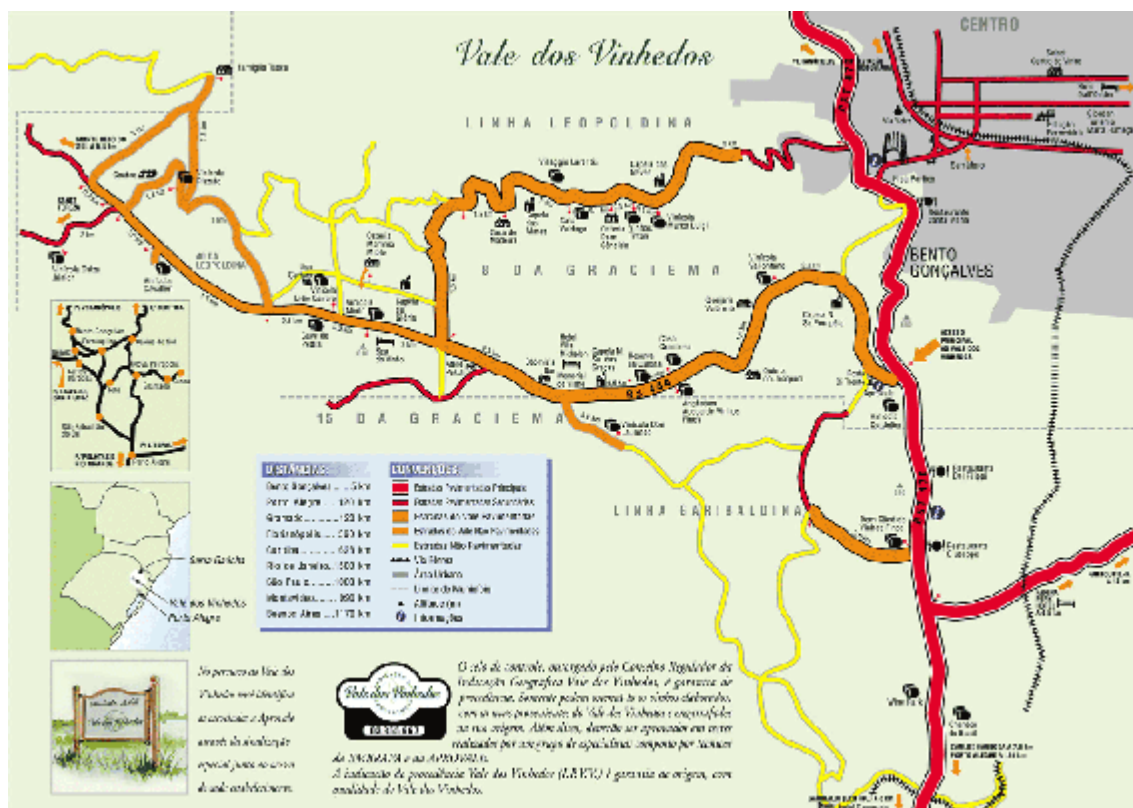


Fig.

No Vale dos Vinhedos a preservação do patrimônio edificado se restringe mais a prédios religiosos (Fig.30, 31 e 32) possuindo menos exemplares preservados em relação aos Caminhos de Pedra, isto está relacionado com a diferença de enfoque na preservação e na promoção dos dois lugares. Enquanto os Caminhos de Pedra tem na história da imigração e no patrimônio edificado seu ponto forte, o Vale dos Vinhedos aborda mais especificamente a gastronomia e a cultura do vinho. Suas construções são recentes e as tipologias existentes ou fazem um esforço para parecerem com as antigas construções erguidas pelos primeiros imigrantes, ou o que é pior, tentam “imitar” tipologias de outras partes do mundo, especialmente da Europa.



Fig. 30: Campanário Capela Santíssima Trindade, 2006.



Fig. 31: Capela das Almas, 2006.



Fig. 32: Capela das Neves, 2006.



Fig. 33: Igreja N.S. da Glória, 2006. Fotos: Equipe Ipurb.

Nestes dois casos a justificativa da maioria dos agentes envolvidos é de que é isto “o que os turistas querem ver”. Este processo de cenografar tem embaçado a visão de preservação do patrimônio edificado nos dois roteiros, este é o maior desafio a ser vencido pela comunidade e pelos gestores destas localidades.

Analisando os quatro casos, que contem a síntese de toda uma trajetória voltada à descoberta e redescoberta das origens do trabalho e da cultura da colonização italiana na cidade de Bento Gonçalves, podemos observar que em todos eles o ponto comum está na força do trabalho familiar e/ou cooperativo dos imigrantes e seus descendentes. Isso nunca foi esquecido, mesmo no período de negação em que ser colono era “estar abaixo” dos demais cidadãos, o sustento vindo do árduo trabalho no

campo nunca deixou de ser valorizado e aos poucos se tornou um caminho de inserção comercial.

Nos exemplos das vinícolas, a Salton fundada pela união familiar e que tinha sua sede no centro da cidade em um prédio antigo e histórico, e se viu obrigada a sair do local de origem devido ao crescimento econômico que atingiu, estando estrangulada pela cidade, acabou criando uma nova centralidade no distrito de Tuyuti com a transferência de sua sede.

Já a vinícola Aurora, enfrentou uma grave crise e a intervenção do Banco do Brasil, passando a ser administrada pelo mesmo desde então, acabou contribuindo para o ressurgimento das pequenas caves e está encravada no bairro Cidade Alta desde sua fundação, só perde em importância no desenvolvimento do bairro para a estação férrea.

Na questão envolvendo os dois maiores roteiros turísticos de Bento Gonçalves, o projeto Caminhos de Pedra surge de uma pesquisa de levantamento do patrimônio edificado e diante do potencial que se apresentava, o setor privado e a comunidade se unem para mostrar a cultura e a tradição da imigração italiana da região e assim atrair investimentos e recursos financeiros. O Vale dos Vinhedos nasce de uma necessidade econômica, quando da queda expressiva do valor da sua maior fonte de renda, a venda da uva para as grandes vinícolas como a Aurora e mesmo a Salton. Assim os pequenos produtores começaram a vender seu produto direto ao consumidor e a união destes produtores possibilitou a criação de um roteiro de turismo voltado para a produção do vinho e da gastronomia, o que também atraiu inúmeros investimentos para a região e possibilitou a comunidade um maior crescimento econômico.

Criam-se assim novas formas de gentrificação motivadas pelo turismo e pelo capital privado inserindo na área onde estão localizadas os roteiros do chamado enoturismo e das grandes caves que empregam as mais altas tecnologias do setor: a Salton levando para a nova sede mais desenvolvimento econômico, aumentando a arrecadação de impostos, atraindo empresas prestadoras de serviço e novos empregados como moradores do distrito de Tuyuti, o que aos poucos vai mudando a fisionomia do local e a relação entre os moradores antigos e novos e de ambos com o lugar onde vivem. A valorização econômica nos imóveis do distrito ainda não aconteceu, muito menos aumentaram as densidades construtivas. Da mesma forma que não existe ainda a inserção de novas tipologias arquitetônicas e também uma valorização dos imóveis “antigos”.

A Aurora, por sua vez, mantendo-se no bairro onde foi criada sua sede, atrai investimentos e melhorias para os moradores do local, cria o que defino como *gringuificação*, no sentido de manter os moradores em suas casas, mas melhorando seu padrão econômico, o que provoca uma substituição de grupo social sem substituição de indivíduos.

Cria uma nova centralidade, um segundo centro para a cidade (a área urbana consolidada), por motivos econômicos, sociais e também pela topografia, pois como o nome diz, o bairro Cidade Alta está num ponto mais elevado que o Centro propriamente dito.

O projeto Caminhos de Pedra mostra a cultura mais relacionada com a terra, o artesanato, o folclore e a língua, sua força está no patrimônio edificado criando uma gentrificação na medida em que os usos são transformados para o turista, e boa parte dos moradores sai das casas de interesse histórico que viram restaurantes, museus, etc., freqüentados por um público externo, no caso os turistas.

O Vale dos Vinhedos traz a cultura do vinho e da gastronomia e a preservação da paisagem rural e bucólica do município. Gerando uma centralidade periférica, assim como o Caminhos de Pedra, no sentido de consolidar um pólo de produção econômica e um pólo de interesse turístico, concentrando cantinas, hotéis, pousadas, restaurantes, artesanatos, queijarias e outros. Este é o caso mais claro da gringuificação na medida em que o termo exemplifica o processo onde a população se mantém (os indivíduos, pessoas são os mesmos), mas o grupo social e econômico ao qual passam a pertencer é outro: esta mobilidade na pirâmide social e econômica gera novas expectativas, demandas e tratamentos do patrimônio construído. Criando três correntes de gringuificação, uma preservacionista, com alterações de uso identificada pelo Caminhos de Pedra, uma com a possibilidade de renovação da população de um distrito, sem a substituição do estoque construído num primeiro momento, já que a mudança da sede da Vinícola Salton é muito recente, e uma de renovação do estoque construído e mudanças no perfil da população, casos relativos ao Vale dos Vinhedos e a Vinícola Aurora.

Em todos os casos há atração de capital e pessoas, criando uma gentrificação "mais saudável", uma gringuificação, onde não se "expulsam" moradores de suas casas, mas sim os mantém no seu lugar de origem, através do resgate da cultura e da história do povo, atraindo novos investidores sem prejudicar o imaginário coletivo, a paisagem e o

patrimônio material e imaterial do local onde se insere. A este processo, bastante peculiar ao desenvolvimento urbano e rural de Bento Gonçalves que identifiquei como sendo gringuificação, que vem a ser uma corruptela do termo gentrificação, motivada pelas peculiaridades locais da dinâmica social e econômica desta antiga colônia rural.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Os casos analisados têm uma forte ligação com a dinâmica econômica e social de Bento Gonçalves, que provocou e provoca inúmeras mudanças na cidade em relação às transformações do patrimônio cultural material e imaterial ao longo da história.

Diante disso e tomando como ponto de vista o processo conhecido como gentrificação (Smith e Williams, 1986) que trata da “Substituição de populações em um bairro antigo, degradado, por populações mais abastadas, acompanhada de uma revitalização do ambiente construído” ocorridos principalmente em Londres na Inglaterra e Nova Iorque nos Estados Unidos em meados dos anos de 1950 e 1960 a gringuificação se dá em Bento Gonçalves devido a essa reapropriação da história local a partir de 1990, podendo-se reconhecer semelhanças, como a retomada da história e dos locais importantes para a história da cidade, a inclusão do poder público como parceiro nas ações de preservação deste patrimônio, como tentativa de tornar cada vez mais atraente este segmento para o capital privado.

Num primeiro momento os termos parecem distantes um do outro, mas numa imersão mais profunda no termo gentrificação acima exposto, onde termos como populações, bairro antigo, degradado e revitalização de ambientes construídos são usados, podemos perceber algumas diferenças e semelhanças entre os dois termos. Na gringuificação não há uma substituição de grupos sociais num mesmo lugar sem que se tenha a substituição do estoque construído, aqui talvez esteja a maior diferença, mas há união da população de um local para realizar um projeto por iniciativa própria. Outro fator presente nos dois termos, num segundo momento e para fazer o processo evoluir, são as decisões tomadas em conjunto com entidades privadas e/ou públicas. Por fim o processo de

revitalizar construções, mesmo que através de relocação de algumas e ou réplicas de outras no caso da gringuificação também contribui para o andamento do processo. Por meio dos casos analisados percebeu-se que o caso mais próximo de uma gentrificação na plenitude do termo, é o dos Caminhos de Pedra onde acontece uma substituição dos usos, não na totalidade, para o uso turístico, onde boa parte dos moradores sai das casas de interesse histórico e estas passam a receber outras funções, freqüentadas por um público diferente do local. Outro fator que une os conceitos está no fato de que numa das fases do processo é indispensável à presença do capital privado para manutenção do processo, sejam eles os agentes imobiliários, em alguns casos de gentrificação ou os próprios proprietários em alguns casos da gringuificação.

A intenção da análise abordada neste trabalho é ampliar a abrangência do conceito de gentrificação, no que tange questões mais particulares da colonização italiana na cidade de Bento Gonçalves, para isso foi criado um novo termo, gringuificação, como forma de esclarecer o processo de retomada do passado e através disto alcançar um estatus social mais elevado e como se utilizar deste processo para preservar o patrimônio material e imaterial da cidade, pois a preservação e conservação do patrimônio devem servir para ajudar na construção e na evolução da cidade, unir o passado e o presente para termos o amanhã, sem engessarmos o crescimento da cidade, garantindo uma presença ativa do patrimônio na condução do destino da cidade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. **De Volta a Cidade – Dos Processos de Gentrificação**. Ed. AnnaBlume, 1ª Edição - 2006 - 294 pág.

CAPRARA, Bernardete Schiavo. LUCHESE, Terciane Ângela. **Da Colônia Dona Isabel ao Município de Bento Gonçalves – 1875 a 1930 – História. Bento Gonçalves**, Visograf; Porto Alegre, CORAG, 2005.

De PARIS, Assunta. **Memórias: Bento Gonçalves-RS; Fundamentação Histórica**. Bento Gonçalves. Suliani Editografia Ltda, 2006.

De PARIS, Assunta. ZARDO, Maria de Fátima D. S. **A Trajetória do Comercio de Bento Gonçalves**. Bento Gonçalves. Tipograf Indústria Grafica Ltda, 1997.

FURTADO, Carlos Ribeiro. **Gentrification e (Re) Organização Urbana: Contribuição para a construção de uma teoria urbana**. Porto Alegre, 2001.

FURTADO, Carlos Ribeiro. **Gentrification: Uma anatomia do conceito**. Porto Alegre, 2001.

SÁNCHEZ, Fernanda. **Políticas Urbanas em Renovação: Uma Leitura Crítica dos Modelos Emergentes. Trabalho selecionado da sessão temática 1 – “Esferas da decisão e gestão: para onde aponta a experiência?”**. R. B. Estudos Urbanos e Regionais Numero 1. Rio de Janeiro, maio de 1999.

SEYFERTH, Giralda. **As Identidades dos Imigrantes e o Melting Pot Nacional**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 6. n. 14, p. 143-176, novembro de 2000.

VARGAS, Heliana Comin. CASTILHO, Ana Luisa H. de. (Org.) **Intervenções em Centros Urbanos; Objetivos, estratégias e resultados**. Barueri; Ed. Manole, 2006.

VAZ, Lillian Fessler. JACQUES, Paola Berenstein. **A Cultura na Revitalização Urbana – Espetáculo ou Participação?** Espaços & Debates, São Paulo – v. 23 – n. 43-44 – p. 129-140, jan/dez 2003

VOLKMER, José Albano. **Memória cultural e o patrimônio intangível**.

Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq009/arq009_02.asp.

Acessado em novembro de 2007.

Site: http://www.camaraportuguesa.com.br/default.asp?pag=noticias&id_noticia=4672

Site: <http://www.bentogoncalves.rs.gov.br/>

Site: <http://www.guiabento.com.br/default.asp?pagina=historia.asp>

